



RESENHA

UM LIVRO DE VANGUARDA

*Ruth Ramalho Ruivo Palladino**

Fonoaudiologia: seminários de debates (Vol. 3)

Regina Maria Freire (org.)

São Paulo, Roca, 2000

Foi com orgulho e apreensão que aceitei a tarefa de apresentar o livro organizado pela professora Regina Maria Freire – *Fonoaudiologia: seminários de debates* (Vol. 3). Orgulho por se tratar de um trabalho de vanguarda, ambicioso, comedidamente ambicioso, fruto de um movimento que a muitos envolveu, inclusive a mim, de uma certa maneira. Apreensão por não saber se escolheria

* Professora do curso de Fonoaudiologia da PUC-SP, doutoranda no Programa de estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.

a melhor palavra para cada comentário que eu pudesse fazer porque sei que a uma obra de vanguarda deve-se sempre oferecer um olhar parcimonioso.

Vou começar esta apresentação, apesar do inusitado da escolha, com um pequeno depoimento.

Como muitos, desde a graduação, venho desfrutando o ensinamento de dois dos melhores mestres que se pode ter: os pacientes e os alunos. Os primeiros, ao enunciarem sua dor na mais radical ambigüidade, ambigüidade que, entretanto, mal esconde um delicado pedido de alívio, trouxeram-me sempre a dúvida e fizeram-me pensar e pensar a cada vez como uma nova vez. Os outros, os alunos, ao me doarem as suas perguntas sobre a linguagem, sobre a doença, sobre seus pacientes, perguntas surpreendentes, sempre me mostraram, de modo inequívoco, que a vaidade da certeza das coisas nos imputa um caminho tortuoso e enganador porque não conduz à reflexão, mostraram-me ser este um caminho a ser evitado. Mas, muito recentemente, tive a oportunidade de passar por uma esplêndida experiência de aprendizagem durante os trabalhos de reforma curricular dos quais tive o privilégio único de participar integralmente. O projeto de reforma curricular do curso de Fonoaudiologia da PUC-SP foi elaborado a partir de inúmeras e extensas discussões, tais como as contidas neste livro. Foram encontros aos quais nem todos tiveram (ou perceberam) o privilégio de comparecer e isso representou grande perda. Por um lado, os ausentes perderam uma experiência inigualável e, por outro, privaram a todos, investidos neste processo, de receberem contribuições inovadoras e importantes. Mas eis que é iniciado, na Pós-Graduação, um trabalho similar, abrindo, novamente, espaço para todos e, para tanto, muitas atividades foram sugeridas para a construção de um grande processo de debates. Para além de reabrir a discussão, a Pós-Graduação acaba publicando todos os trabalhos e aí se qualifica um grande mérito.

A publicação das palestras proferidas, sobretudo dos debates realizados, dá a qualquer um a permissão de refletir e ter presença numa discussão sobre questões que são muito importantes para o nosso campo. A publicação a todos mostra as preocupações dos professores da PUC-SP e a todos convida à reflexão, numa conduta muito pouco tradicional: a discussão está posta para todos. Daí eu considerar a publicação deste livro algo de vanguarda, algo que sai à frente não só

no que diz respeito ao conteúdo dos conjuntos temáticos contemplados mas também, e principalmente, pela forma de fazê-lo.

O livro é iniciado com uma questão fundamental, o caráter científico da área. Os textos e os debates confirmam o estatuto disciplinar da Fonoaudiologia, uma área específica do saber e, portanto, já distanciada do discurso ordinário. Confirmam a existência de um projeto particular para este campo. Confirmam também que não há coincidência quanto a isto em relação aos olhares que chegam de fora e que enxergam a Fonoaudiologia como instância “agregadora de diferentes projetos” e, portanto, ainda sem uma coisa própria. Numa das partes mais interessantes dos debates deste começo do livro escapa das palavras ditas o desejo de alguns em condenar a Fonoaudiologia ao impasse da tutoria e isso só reafirma a atualidade da questão abordada na primeira parte. A insistência que parece fazer do assunto algo ultrapassado, pode, diferentemente, tornar-se útil e necessária. É nesse começo também que a discussão conjumina para a explicitação de uma necessidade da área de elaborar uma literalização cada vez mais sofisticada, tendo o rigor como destino.

Tal discussão inclusive esclarece que a área não tem qualquer pretensão de elaborar ou estabelecer um paradigma forte no argumento e na perenidade, preferindo um estado pré-paradigmático que, entre outras razões, é mais conveniente dada a origem clínica da Fonoaudiologia. O estado pré-paradigmático é a possibilidade mais sedutora e mais potencialmente criadora. E criação é o que se põe como totalmente necessário para se lidar com as questões que a área traz de modo irrecusável.

A questão do objeto, tratada nas segunda e terceira partes do livro, é exemplo magnífico desta necessidade. Aqui, os textos e os debates vão compondo uma trama muito complexa de argumentos, diferentes na sua natureza e na sua especificidade, que vai rabiscando um traço que vai ora em direção à restrição de um só objeto (o que a ciência indica conveniente), ora à possibilidade da pacífica convivência entre dois objetos que a área herdou já na sua origem (o que fica indicado como irrecusável): a linguagem e a audição. Os debates são ricos na possibilidade que criam de reflexão porque se montam a partir de idéias (até excludentes entre si) que vão desde a assunção da discriminação absoluta entre uma e outra coisa (a decisão pela restrição imposta pela ciência) até a

tentativa de fazer de uma a outra coisa (para que a área tenha conforto em suas necessidades). Ou mesmo até a idéia de que não há porque fazer uma só coisa alcançar o estatuto de objeto do discurso fonoaudiológico, considerando uma outra proposição (que já não é nova), a da convergência de diferentes “objetos” num espaço que os possa unificar, o espaço terapêutico. Já não é nova a proposição porque ela, um dia, já apresentou a comunicação como este espaço de união.

E é exatamente o espaço clínico-terapêutico que constitui assunto da quarta parte, em que se inicia uma polêmica bastante densa, pois, agregada à questão do objeto há esta outra, a da especificidade clínica e da especificidade de terapêutica de certas práticas fonoaudiológicas, o que vem exacerbar o problema da dupla origem da área. As discussões esclarecem, de modo brilhantemente problemático, a diferença entre a natureza de uma lida terapêutica em que se inscrevem a subjetividade, a imprevisibilidade, a heterogeneidade que a ela dão contornos particulares, e a natureza de uma lida clínica, lugar em que a previsibilidade é ponto de partida. A diversidade das práticas fonoaudiológicas (re)colocam insistentemente a questão do objeto e, parece, tentam apagar a possibilidade de uma leitura terapêutica da clínica. Não é outra coisa que surge nas falas dos debates, falas angustiadas e hesitantes que falam da relação entre corpo, linguagem e psiquismo, apontando para uma dispersão que demanda conjunto, talvez esquecendo que uma leitura, uma só leitura destas três instâncias possa ser um bom começo de resolução do problema. Uma leitura pautada no conceito de atividade simbólica, que, aliás, vem proposta nos debates da terceira parte, que trata do objeto dentro da dicotomia audição/linguagem. Este conceito montado sobre o simbólico pode ser posto inclusive nas discussões extensas que se criaram nos debates e que estão representadas na sexta parte, em que se estipula um problema delicado: determinar a linguagem como objeto do campo. Uma idéia que participa das conversas, de um modo implícito ou não, distribuindo desconforto e trazendo compromisso de discussão para os fonoaudiólogos, principalmente para aqueles que estão às voltas com os problemas da voz e do sistema sensoriomotor oral, só para exemplificar. O que, algumas vezes, compõe solução; em outras, gera controvérsias.

A última parte do livro repete a questão da diversidade das práticas e repõe o problema do objeto que, por sua vez, implica um outro, o problema da natureza da ação fonoaudiológica. Esta repetição das questões aponta para uma verdade (que Freud nos mostrou): aquilo que se repete é exatamente o que pede representação, o que conjura sentido. Espero por novos encontros, acalorados debates e sua devida publicação: o campo deseja literalização. Espero outro deste.